

EVOLUÇÃO



5
ANOS

DE PUBLICAÇÃO ININTERRUPTA!



William Terin

A FORÇA DA EXPRESSÃO ANGOLANA



Filiada à
ABEC
BRASIL
Associação Brasileira de Editores Científicos



Platform &
workflow by
OJS / PKP



www.primeiraevolucao.com.br

Coordenaram esta edição: Manuel Francisco Neto / Vilma Maria da Silva

Organização: Vilma Maria da Silva

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.57>

Editor Responsável: Antônio Raimundo Pereira Medrado
Editor correspondente (ANGOLA): Manuel Francisco Neto

Coordenação editorial:

Ana Paula de Lima
Andreia Fernandes de Souza
Antônio Raimundo Pereira Medrado
Isac Chateaufeuf
José Wilton dos Santos
Manuel Francisco Neto
Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco
Vilma Maria da Silva

Com. de Avaliação e Leitura:

Prof. Dr. Adeílson Batista Lins
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt
Profa. Esp. Ana Paula de Lima
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza
Profa. Dra. Denise Mak
Prof. Dr. Isac Chateaufeuf
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco
Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza
Profa. Dra. Thais Thomaz Bovo

Bibliotecária:

Patrícia Martins da Silva Rede

Colunistas:

Prof. Dr. Adeílson Batista Lins
Prof. Dr. Isac Chateaufeuf
Jornalista João Domingos Terin (William Terin)
Profa. Ma. Cleia Teixeira da Silva
Prof. Me. José Wilton dos Santos

Web-edição:

T.I Lee Anthony Medrado

Contatos

Tel. 55(11) 99543-5703
Whatsapp: 55(11) 99543-5703
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)
netomanuefrancisco@gmail.com (Luanda)
<https://primeiraevolucao.com.br>

Imagens, fotos, vetores etc:

<https://publicdomainvectors.org/>
<https://pixabay.com>
<https://www.pngwing.com>
<https://br.freepik.com>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 6, n. 57 (fev. 2025). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2025. 158 p. : il. color

Bibliografia

Publicação contínua desde 2020.

Bimestral

e-ISSN 2675-2573

Disponível apenas online.

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI 10.52078/issn2673-2573.rpe.57

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

Em parceria com:



São Paulo | 2025

Publicada no Brasil por:

Edições **Livro Alternativo**

CNPJ: 28.657.494/0001-09

05 EDITORIAL

Antônio R. P. Medrado / Manuel Francisco Neto

06 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

Isac Chateaufneuf

08 DESTAQUE **WILLIAM TERIN** A força da expressão angolana

12 Educação & Literatura

Mirella Clerici Loayza

13 Agenda

15 POIESIS

J. Wilton

17 Ciência, Tecnologia & Sociedade

Adeilson Batista Lins



ARTIGOS

1. **GESTÃO DEMOCRÁTICA E PARTICIPATIVA NA CIDADE EDUCADORA DE SÃO PAULO: O PAPEL DO COORDENADOR, ASSISTENTE DE DIREÇÃO E SUPERVISOR**
Andreia Ferreira de Melo Faria 19
2. **MÚSICA NOS DOCUMENTOS FEDERAIS: VARREDURA DOCUMENTAL**
Andréia Novaes Souto Ribeiro 25
3. **INCLUSÃO ESCOLAR DOS ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS NO ENSINO PRIMÁRIO: POLÍTICAS EDUCACIONAIS DE INCLUSÃO**
Antônio Ambriz Camuano 43
4. **O SIGNIFICADO DA ESCOLA PARA OS PAIS: ABANDONO E NÃO MATRICULAÇÃO ESCOLAR NA COMUNIDADE DE JAMBA YA NGANDZI, MUNICÍPIO DE CHITEMBO, PROVÍNCIA DO BIÉ - REPÚBLICA DE ANGOLA**
César Horácio Guelengue Pataca 49
5. **A PRESENÇA DAS FIGURAS DE SOM EM LETRAS DE MÚSICAS NACIONAIS**
Cleia Teixeira da Silva 57
6. **A EXTREMA POBREZA EM ANGOLA: CONSEQUÊNCIA DA AUSÊNCIA DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO SISTEMA DE ENSINO**
Constantino Joao Manuel 65
7. **O APRENDER ATRAVÉS DA ÁREA DO CONHECIMENTO HISTÓRIA**
Dameres Floriano Nunes Gonçalves 73
8. **A IMPORTÂNCIA DOS ELEMENTOS DA NATUREZA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**
Edneia Machado de Alcântara 85
9. **APRENDIZAGEM ORGANIZACIONAL COMO GARANTIA DO DESENVOLVIMENTO DOS RECURSOS HUMANOS DAS EMPRESAS**
Edson da Conceição Graça 91
10. **O RECREIO: TEMPO E ESPAÇO DE INTERAÇÃO E APRENDIZAGEM**
Jeneroso João André / Beatriz Pereira 99
11. **O DESPERTAR PELA LEITURA**
Joice Botelho Silva 107
12. **ENERGIA SOLAR FOTOVOLTAICA: CENÁRIO ATUAL**
José Wilton dos Santos 113
13. **O USO DAS ARTES VISUAIS COMO PRÁTICA DE ENSINO**
Josefa Bezerra de Meneses 123
14. **IMPACTO DA PLANIFICAÇÃO AO ALCANCE DA EXCELÊNCIA EDUCATIVA**
Manuel Francisco Neto / Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco 129
15. **O AMBIENTE ALFABETIZADOR E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO: UMA ANÁLISE SOBRE O IMPACTO DOS ESTÍMULOS VISUAIS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**
Mirella Clerici Loayza 133
16. **A PSICOPEDAGOGIA NA EDUCAÇÃO ESPECIAL: CONTRIBUIÇÕES, DESAFIOS E A IMPLEMENTAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS INCLUSIVAS**
Rosinalva de Souza Lemes 139
17. **TRATAMENTO DESIGUAL AOS PROFESSORES DO ENSINO PRIVADO ANGOLANO**
Wilder Dala Quijango 145

**ESTA REVISTA É MANTIDA E FINANCIADA POR PROFESSORAS E PROFESSORES.
SUA DISTRIBUIÇÃO É, E SEMPRE SERÁ, LIVRE E GRATUITA.**

A **REVISTA PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial idealizado pela **Edições Livro Alternativo** com o objetivo de **empoderar e inspirar educadores** na jornada de compartilhar suas pesquisas, estudos, experiências e relatos de vivências.

UM CORPO EDITORIAL DE EXCELÊNCIA:

Nossa equipe conta com especialistas, mestres e doutores(as), todos com vasta experiência na rede pública de ensino, além de profissionais experientes nas áreas do livro e da tecnologia da informação. Essa expertise garante a qualidade e o rigor científico das publicações da revista.

INDEPENDÊNCIA E AUTONOMIA:

Um dos nossos diferenciais é a total independência, viabilizada pelo **financiamento colaborativo de professores e professoras**. Essa autonomia nos permite defender a liberdade de expressão e a diversidade de ideias, priorizando a qualidade dos conteúdos e o impacto positivo na educação.

PROPÓSITOS QUE IMPULSIONAM A TRANSFORMAÇÃO:

- **Promover o debate** crítico e reflexivo sobre os diversos aspectos da educação, com base nas vivências, pesquisas, estudos e experiências dos profissionais da área;
- **Proporcionar a publicação** de livros, artigos e ensaios que contribuam para o aprimoramento da educação e o desenvolvimento profissional dos educadores;
- **Apoiar a publicação** de obras de autores independentes, democratizando o acesso à informação e promovendo a diversidade de vozes;
- **Incentivar o uso de softwares livres** na produção de materiais didáticos e na difusão do conhecimento, promovendo a inclusão digital e a redução de custos;
- **Fomentar a produção de livros** por professores e autores independentes, reconhecendo e valorizando a experiência e o saber dos profissionais da educação;

PRINCÍPIOS QUE GUIAM A NOSSA ATUAÇÃO:

- **Priorizar trabalhos voltados para a educação**, cultura e produções independentes, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e democrática;
- **Utilizar exclusivamente softwares livres** na produção de livros, revistas e materiais de divulgação, promovendo a transparência, a colaboração e a acessibilidade;
- **Incentivar a produção de obras coletivas** por profissionais da educação, fomentando a colaboração e o compartilhamento de conhecimentos;
- **Publicar e divulgar livros de professores** e autores independentes, valorizando a diversidade de vozes e perspectivas na educação;
- **Respeitar a liberdade e autonomia** dos autores, garantindo a originalidade e a autenticidade das obras publicadas;
- **Combater o despotismo, o preconceito e a superstição**, defendendo os valores da democracia, da tolerância e do respeito à diversidade;
- **Promover a diversidade e a inclusão**, valorizando as diferentes culturas, identidades e experiências presentes na comunidade educacional.

A **REVISTA PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é mais do que uma revista, é um movimento pela transformação da educação, um espaço para a colaboração, o aprendizado e a inovação.

Junte-se a nós e faça parte da construção de um futuro mais promissor para a educação!

INSTITUIÇÕES PARCEIRAS



Indexadores: _____



Filiada à:



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres



O AMBIENTE ALFABETIZADOR E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO: UMA ANÁLISE SOBRE O IMPACTO DOS ESTÍMULOS VISUAIS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

RESUMO

Este artigo analisa criticamente a relação entre o ambiente alfabetizador e o processo de aprendizagem, com foco específico no impacto dos estímulos visuais durante a alfabetização. Fundamentado nas diretrizes da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo e em um extenso referencial teórico, o estudo examina como o excesso de informações visuais pode interferir no desenvolvimento cognitivo e na construção da autonomia das crianças em processo de alfabetização. A pesquisa destaca a importância do equilíbrio entre os estímulos visuais e a participação ativa das crianças na construção do ambiente de aprendizagem. Através da análise de contribuições de diversos teóricos da educação, o trabalho evidencia como materiais prontos e padronizados podem comprometer o processo de alfabetização, enquanto a valorização das produções infantis favorece o desenvolvimento da autonomia e a construção significativa do conhecimento. O artigo conclui que o ambiente alfabetizador deve ser um espaço dinâmico, construído coletivamente, onde as marcas infantis são privilegiadas em detrimento do excesso de materiais padronizados. Esta perspectiva encontra respaldo tanto nas teorias contemporâneas sobre alfabetização quanto nas orientações da rede municipal de ensino do município de São Paulo, reforçando a importância do papel do professor como mediador neste processo.

Palavras-chave: Ambiente alfabetizador; Estímulos visuais; Processo de alfabetização; Autonomia; Mediação pedagógica.

INTRODUÇÃO

A alfabetização, como processo fundamental no desenvolvimento educacional, tem sido objeto de extensivos estudos e pesquisas no campo da educação. Conforme destaca Emilia Ferreiro (2011), em sua obra "Reflexões sobre Alfabetização", este processo constitui-se como um fenômeno complexo e multifacetado, que vai além da simples aquisição de um código, e Magda Soares (2020), em

"Alfabetização: A questão dos métodos", argumenta que o período entre 6 e 8 anos representa um momento crucial para a construção das bases do letramento, quando as crianças desenvolvem as estruturas cognitivas necessárias para a apropriação da língua escrita.

Neste contexto, considerando as diretrizes educacionais da Rede Municipal de Ensino de São Paulo e as contribuições teóricas contemporâneas sobre alfabetização e

¹ Possui Licenciatura Plena em Pedagogia, Letras Português e Inglês e as suas Literaturas. Pós Graduação em Neurociência Voltada à Educação e Programa de Especialização Docente para o Ensino da Matemática (PED-BRASIL). Pesquisadora da infância, da docência e dos brincantes. Professora de Português para Expatriados. Professora de Educação Infantil e Fundamental I na Rede Municipal de Ensino de São Paulo, SME, PMSP.

desenvolvimento cognitivo, este artigo propõe uma análise crítica sobre como o excesso de estímulos visuais em sala de aula pode impactar negativamente o processo de alfabetização, interferindo na construção do conhecimento e no desenvolvimento da autonomia leitora e escritora dos educandos da Rede Municipal de Ensino de São Paulo.

O AMBIENTE DE APRENDIZAGEM E SEUS DESAFIOS

O ambiente de aprendizagem representa muito mais que um espaço físico; constitui-se como um território de construção do conhecimento e desenvolvimento humano. Como afirma Vygotsky (1991, p. 97): *"O aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer."* Esta perspectiva nos convida a refletir sobre a organização do espaço escolar e seu impacto no processo de aprendizagem. Ao pensarmos na sala de aula contemporânea, deparamo-nos com um cenário frequentemente saturado de estímulos visuais. David Ausubel (2003) nos alerta sobre esta questão ao enfatizar: *"A aprendizagem significativa só ocorre quando o aprendiz pode estabelecer relações substantivas e não-arbitrárias entre os novos conhecimentos e suas estruturas cognitivas preexistentes."* Em um ambiente sobrecarregado de informações visuais, esta conexão significativa pode ser severamente comprometida.

Um exemplo que nos deparamos com frequência, são salas temáticas, que ficam "prontas" antes mesmo da professora conhecer suas crianças e suas realidades, bem como sabe-se que há o "reaproveitamento de cartazes" por anos, por diferentes turmas, da mesma professora, às vezes, na mesma sala física. "O cartaz da borboletinha que já faz parte da sala", e quando é retirado para uma manutenção ou uma simples limpeza mais detalhada da parede, pode-se ver a marca dos anos que ele ficou ali na parede. Essa prática, vai de encontro ao que dizem todos os autores que falam sobre

autonomia, protagonismo e pertencimento. Além da qualidade, precisamos refletir mais do que nunca, sobre a quantidade.

Ana Teberosky (2003) contribui com esta discussão ao observar que a sobrecarga sensorial interfere diretamente no processo de alfabetização. "O excesso de estímulos visuais", argumenta a autora, "pode criar uma barreira entre a criança e o objeto de conhecimento, dificultando a construção de hipóteses sobre a escrita." Esta perspectiva nos leva a questionar: Como podemos criar um ambiente que favoreça a concentração sem comprometer a riqueza das experiências de aprendizagem?

Howard Gardner (1994) nos oferece uma importante reflexão sobre este dilema ao introduzir o conceito de "janelas de oportunidade" para o aprendizado. Segundo o autor: "Cada momento do desenvolvimento apresenta oportunidades únicas para a aprendizagem, que precisam ser aproveitadas em um ambiente adequadamente preparado." Esta visão dialoga diretamente com as pesquisas de Piaget sobre desenvolvimento cognitivo, que demonstram como o processamento de informações é influenciado pelo ambiente.

Utilizamos tanto Paulo Freire, e nos esquecemos que em suas reflexões sobre autonomia, nos recorda que "ensinar exige a corporeificação das palavras pelo exemplo." Neste sentido, um ambiente educacional deve ser organizado de forma a promover não apenas a transmissão de conhecimentos, mas principalmente o desenvolvimento da autonomia do educando. Telma Weisz (2009) complementa esta perspectiva ao afirmar: "O ambiente alfabetizador precisa ser planejado para promover tanto a construção do conhecimento quanto o desenvolvimento da autonomia."

A reflexão sobre o ambiente de aprendizagem nos conduz a um importante questionamento sobre nossas práticas pedagógicas. Como educadores, precisamos encontrar o equilíbrio entre estimulação e concentração, entre riqueza de recursos e clareza de objetivos. Afinal, como nos lembra

Vygotsky, o ambiente não é apenas um cenário para a aprendizagem, mas um elemento ativo no processo de desenvolvimento cognitivo e social dos educandos.

O PROCESSO COGNITIVO NA ALFABETIZAÇÃO

O processo de alfabetização representa um momento crucial no desenvolvimento cognitivo infantil. Como enfatiza Leonor Scliar-Cabral (2013, p. 45): "A alfabetização é um processo complexo que exige da criança o desenvolvimento de habilidades específicas e um ambiente que favoreça a concentração e a aprendizagem significativa." Esta afirmação nos convida a uma reflexão profunda sobre as condições necessárias para um aprendizado efetivo.

Dehaene (2012), em suas pesquisas neuro científicas, apresenta uma perspectiva reveladora: "O cérebro da criança em processo de alfabetização passa por transformações significativas, reorganizando suas redes neurais para acomodar as novas aprendizagens." Esta compreensão nos ajuda a dimensionar a importância de um ambiente adequadamente estruturado.

A questão do processamento cognitivo durante a alfabetização ganha ainda mais relevância quando consideramos as palavras de Linnea Ehri (2013, p. 156): "A formação de conexões entre grafemas e fonemas é um processo delicado que requer atenção focada e um ambiente livre de distrações excessivas." Este alerta nos faz questionar: Como podemos garantir condições ideais para esta aprendizagem? Isabel Solé (1998) contribui com esta reflexão ao afirmar: "A compreensão textual não é um processo automático, mas uma construção que requer ambiente e condições apropriadas." Esta perspectiva nos leva a considerar como o excesso de estímulos visuais pode comprometer este processo fundamental. Alves Martins e Silva (2006) complementam este pensamento com uma observação crucial: "O desenvolvimento da consciência fonológica é a base sobre a qual se

constrói a capacidade de leitura e escrita." Esta fundamentação teórica nos ajuda a compreender a importância de um ambiente que favoreça este desenvolvimento.

Nos debruçemos então, sobre Délia Lerner (2002), que nos apresenta um alerta importante: "A tendência à memorização mecânica em ambientes saturados de informação visual é um risco real que precisa ser considerado e combatido." Esta preocupação encontra eco nas palavras de Bernard Schneuwly (2009): "O excesso de estímulos pode levar a uma aprendizagem superficial, baseada mais na memorização do que na compreensão." Ana Luiza Smolka (2012) traz uma contribuição significativa ao debate: "A dependência excessiva de recursos visuais pode criar uma barreira entre o aprendiz e o processo de construção do conhecimento." Esta observação nos leva a refletir sobre a necessidade de um equilíbrio na utilização de recursos didáticos.

João Wanderley Geraldi (2014) enfatiza: "O pensamento autônomo só se desenvolve em um ambiente que propicie a reflexão e a construção pessoal do conhecimento." Esta perspectiva dialoga diretamente com as pesquisas de Mary Kato (1985), que demonstram como a capacidade de interpretação textual pode ser comprometida em ambientes excessivamente estimulantes. Luiz Carlos Cagliari (2009) nos recorda: "A construção do conhecimento linguístico é um processo gradual que requer condições adequadas para se desenvolver."

Esta visão nos leva a considerar como podemos criar ambientes mais propícios à aprendizagem. Como profissionais pesquisadores dos processos que envolvem o ensino e a aprendizagem, devemos nos fundamentar nos teóricos que foram alicerces de nossa formação, por mais que as novas tecnologias e possibilidades nos pareçam ferramentas interessantes para os processos, ao mesmo tempo não podemos nos deslumbrar com estratégias de "espaço kids" e confiar que isso que a nova moda nomeou de "ambiente

alfabetizador" (mas que é utilizado há anos em escolas ditas "tradicionais"), não vá continuar contribuindo para que nossas crianças em fase de alfabetização se tornem, o que nós alfabetizadores, chamamos de "copistas".

Kenneth Goodman (1967) e Frank Smith (1989) nos oferecem importantes diretrizes quando afirmam: "O ambiente de alfabetização deve ser cuidadosamente planejado para promover tanto a aprendizagem quanto o desenvolvimento da autonomia." Esta perspectiva é complementada por Regina Zilberman (2003), que enfatiza a importância da organização estratégica dos recursos visuais, que conforme preconiza os documentos que norteiam a Educação Paulistana, devem ser produzidos com as crianças e não para as crianças.

Delia Lerner (2002) ainda reforça: "O planejamento intencional das intervenções pedagógicas é fundamental para garantir um ambiente de aprendizagem efetivo." Esta visão encontra respaldo nas orientações de Josette Jolibert (1994), que destaca a importância de espaços que favoreçam a concentração. Angela Kleiman (1995) conclui esta reflexão com uma observação fundamental: "O desenvolvimento da autonomia no processo de alfabetização requer um ambiente que equilibre estímulos e oportunidades de concentração." Esta perspectiva nos convida a repensar constantemente nossas práticas pedagógicas e a buscar o equilíbrio necessário para uma alfabetização efetiva.

Ambiente alfabetizador ou Postura Alfabetizadora? O quê é mais eficiente? António Nóvoa (2009) amplia nossa compreensão sobre o papel do mediador ao afirmar: "O professor é, antes de tudo, um arquiteto de ambientes de aprendizagem, responsável por criar condições que favoreçam o desenvolvimento da autonomia." Esta visão é complementada por Roxane Rojo (2009), que enfatiza: "A seleção criteriosa dos recursos visuais pelo professor deve considerar não apenas sua quantidade, mas principalmente sua qualidade e pertinência

pedagógica." Friso meu para a palavra pertinência: em uma sala de aula, em que a turma utiliza cartões com seus nomes, todos os dias para que a professora realize a chamada diária, uma "lista fixa com os nomes dos amigos" teria qual pertinência pedagógica? Maurice Tardif (2014) contribui com esta discussão ao destacar: "O planejamento das intervenções pedagógicas deve partir de uma compreensão profunda dos processos de aprendizagem e das necessidades específicas dos alunos." Paulo Freire (1996) reforça esta ideia ao afirmar: "O professor deve ser um provocador de curiosidades, um construtor de possibilidades que estimulem o pensamento crítico e a autonomia." Ferreiro e Teberosky (1999) nos apresentam uma reflexão crucial: "O desenvolvimento da autonomia na escrita requer um equilíbrio delicado entre orientação e liberdade." Marcos Bagno (2007) complementa: "A dependência de modelos prontos pode inibir o desenvolvimento da criatividade e da expressão pessoal na escrita." Sírio Possenti (2005) alerta: "A cópia mecânica representa um obstáculo ao desenvolvimento da autoria." Maria Bernadete Abaurre (1999) enfatiza: "A verdadeira aprendizagem da escrita ocorre quando o aluno é capaz de construir seus próprios significados." Esta perspectiva é fortalecida por Magda Soares (2016), que conclui: "O papel do professor como mediador é criar um ambiente que equilibre o suporte necessário com o espaço para a construção autônoma do conhecimento."

CONCLUSÃO

As diretrizes da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo enfatizam a importância fundamental das marcas infantis no ambiente escolar. Como destaca o documento orientador: "As paredes das salas de aula devem refletir o processo de construção do conhecimento das crianças, sendo um espaço vivo de registro de suas descobertas e aprendizagens." Esta orientação dialoga diretamente com as perspectivas teóricas apresentadas ao longo deste artigo, que evidenciam como a participação ativa das crianças em seu ambiente

de aprendizagem é crucial para o processo de alfabetização.

A análise desenvolvida demonstra que materiais prontos, desprovidos da participação efetiva das crianças, podem se tornar elementos sem significado no processo de alfabetização. Como observamos nas contribuições dos diversos autores citados, o ambiente alfabetizador deve ser construído com e para as crianças, respeitando seus processos de desenvolvimento e suas formas particulares de apropriação do conhecimento. A presença excessiva de materiais padronizados pode, como vimos, interferir negativamente no processamento cognitivo e na construção da autonomia.

As reflexões apresentadas sobre o processo cognitivo na alfabetização reforçam a importância de um ambiente que privilegie as produções infantis, pois quando as crianças participam ativamente da construção de seu espaço de aprendizagem, estabelecem conexões significativas com o conhecimento, desenvolvem sua autonomia e fortalecem sua identidade como sujeitos do processo educativo. Esta perspectiva encontra respaldo tanto nas teorias contemporâneas sobre alfabetização quanto nas orientações da rede municipal de ensino.

O papel do professor como mediador, amplamente discutido neste trabalho, ganha nova dimensão quando consideramos a necessidade de equilibrar os estímulos visuais com as produções das próprias crianças. Não se trata apenas de evitar o excesso de materiais prontos, mas de promover intencionalmente espaços e momentos para que as crianças possam expressar suas descobertas, registrar suas aprendizagens e construir coletivamente um ambiente que reflita seus percursos de alfabetização.

Por fim, é fundamental compreender que o ambiente alfabetizador, conforme preconizado pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo e respaldado pelos teóricos citados neste trabalho, deve ser um espaço dinâmico e em constante transformação. As paredes da sala de

aula, quando povoadas pelas produções infantis, tornam-se testemunhas do processo de aprendizagem, documentando o desenvolvimento das crianças e oferecendo suporte significativo para sua alfabetização. Este é o verdadeiro sentido de um ambiente que promove a autonomia e a construção ativa do conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, Maria Bernadete M. Cenas de aquisição da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1999.
- AUSUBEL, David P. Aquisição e retenção de conhecimentos. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 2003.
- BAGNO, Marcos. Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e linguística. São Paulo: Scipione, 2009.
- DEHAENE, Stanislas. Os neurônios da leitura. Porto Alegre: Penso, 2012.
- EHRI, Linnea C. O desenvolvimento da leitura imediata de palavras: fases e estudos. In: SNOWLING, Margaret J.; HULME, Charles (Org.). A Ciência da Leitura. Porto Alegre: Penso, 2013.
- FERREIRO, Emilia. Reflexões sobre alfabetização. São Paulo: Cortez, 2011.
- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GARDNER, Howard. Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- GERALDI, João Wanderley. O texto na sala de aula. São Paulo: Anglo, 2014.
- GOODMAN, Kenneth S. Reading: A psycholinguistic guessing game. Journal of the Reading Specialist, 1967.
- JOLIBERT, Josette. Formando crianças leitoras. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- KATO, Mary A. No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 1985.
- KLEIMAN, Angela. Os significados do letramento. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- LERNER, Délia. Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- MARTINS, Margarida A.; SILVA, Ana Cristina. O nome das letras e a fonetização da escrita. Análise Psicológica, 2006.
- NÓVOA, António. Professores: imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.
- POSSENTI, Sírio. Por que (não) ensinar gramática na escola. Campinas: Mercado de Letras, 2005.
- ROJO, Roxane. Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. Gêneros orais e escritos na escola. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. Sistema Scliar de Alfabetização. Florianópolis: Lili, 2013.

SMITH, Frank. Compreendendo a leitura. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

SMOLKA, Ana Luiza B. A criança na fase inicial da escrita. São Paulo: Cortez, 2012.

SOARES, Magda. Alfabetização: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2020.

SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2014.

TERZI, Sylvia B. A construção da leitura. Campinas: Pontes, 2001.

TEBEROSKY, Ana. Aprendendo a escrever. São Paulo: Ática, 2003.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WEISZ, Telma. O diálogo entre o ensino e a aprendizagem. São Paulo: Ática, 2009.

ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. São Paulo: Global, 2003.



COORDENAÇÃO:
 Manuel Francisco Neto
 Vilma Maria da Silva

AUTORES(AS):

Andreia Ferreira de Melo Faria
 Andréia Novaes Souto Ribeiro
 António Ambriz Camuano
 César Horácio Guelengue Pataca
 Cleia Teixeira da Silva
 Constantino João Manuel
 Damares Floriano Nunes Gonçalves
 Edneia Machado de Alcântara
 Edson da Conceição Graça
 Jeneroso João André / Beatriz Pereira
 Joice Botelho Silva
 José Wilton dos Santos
 Josefa Bezerra de Meneses
 Manuel Francisco Neto / Maria Mbuanda
 Caneca Gunza Francisco
 Mirella Clerici Loayza
 Rosinalva de Souza Lemes
 Wilder Dala Quijango

doi® <https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.57>



Em parceria com:



Indexadores:



Filiada à:



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres

